

BUDISMO EM THICH NHAT HANH E EM CHÖGYAM TRUNGPA NO PENSAMENTO DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA DE BELL HOOKS

BUDDHISM IN THICH NHAT HANH AND IN CHÖGYAM TRUNGPA IN THE THOUGHT OF LIBERTARIAN EDUCATION BY BELL HOOKS

EL BUDISMO EN THICH NHAT HANH Y EN CHÖGYAM TRUNGPA EN EL PENSAMIENTO DE LA EDUCACIÓN LIBERTARIA DE BELL HOOKS

Flávia Lemos

● Graduada em psicologia (UNESP), Mestre em psicologia social (UNESP), Doutora em História Cultural (UNESP), Pós-doutorado em Estudos da Subjetividade-UFF, Pós-doutorado em andamento em Cultura e Sociedade (UFMA), Bolsista de Produtividade em Pesquisa-CNPQ, Professora Titular de Psicologia Social-UFPA. Coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello-UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4951-4453>

● E-mail: flaviacslemos@gmail.com

Leila Cristina da Conceição Santos Almeida

● Graduada em Filosofia-UFPA, Graduada em Pedagogia-UNAMA, Professora de Pedagogia UEPA, Mestre em Psicologia-UFPA, Doutora em Educação-UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9981-3893>

● E-mail: leilacsalmeida@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa trazer alguns pontos de intersecção entre o pensamento da educação libertária de bell hooks, no seu feminismo negro de crítica ao sexismo, ao racismo, ao imperialismo bélico-militar e à religiosidade dogmática por meio da sua relação com o budismo de Thich Nhat Hanh e de Chögyam Trungpa. Tanto o zen budismo ativista e pacifista de Hanh quanto o budismo tibetano de crítica do eu e da alienação associado à magia e à liberação sexual trouxeram dimensões analíticas relevantes de atitude crítica face ao presente na atenção plena e no esperar de um processo de ensinar comunidade associado à educação transgressora e posicionada contra o racismo, o sexismo, à dominação, à opressão sexual e de gênero bem como de crítica contundente ao armamento e à religiosidade autocentrada. Pensar com a concomitância da ação sem perder a atenção do comum em busca de um acolhimento com crítica foi uma considerável contribuição do budismo ao pensamento feminista negro de bell hooks para um processo de cuidado de si e da cidade.

Palavras-chave: Budismo; Educação; Feminismo Negro; Ativismo.

ABSTRACT

This article aims to highlight some points of intersection between bell hooks' libertarian education thinking, her Black feminism, and critique of sexism, racism, military imperialism, and dogmatic religiosity, through its relationship with the Buddhism of Thich Nhat Hanh and Chögyam Trungpa. Both Hanh's activist and pacifist Zen Buddhism and Tibetan Buddhism, which critiques the self and alienation associated with magic and sexual liberation, brought relevant analytical dimensions of a critical attitude toward the present, through mindfulness and the hope of a process of community teaching associated with transgressive education and positioned against racism, sexism, domination, sexual and gender oppression, as well as a strong critique of weaponry and self-centered religiosity. Thinking with the concomitance of action without losing sight of the common, seeking a critical embrace, was a significant contribution of Buddhism to bell hooks's Black feminist thought, a process of self-care and urban care.

Keywords: Buddhism; Education; Black Feminism; Activism.

RESUMEN

Este artículo busca destacar algunos puntos de intersección entre el pensamiento educativo libertario de bell hooks, su feminismo negro y su crítica al sexismo, el racismo, el imperialismo militar y la religiosidad dogmática, a través de su relación con el budismo de Thich Nhat Hanh y Chögyam Trungpa. Tanto el budismo zen activista y pacifista de Hanh como el budismo tibetano, que critica el yo y la alienación asociados con la magia y la liberación sexual, aportaron dimensiones analíticas relevantes de una actitud crítica hacia el presente, a través de la atención plena y la esperanza de un proceso de enseñanza comunitaria asociado con una educación transgresora y posicionado contra el racismo, el sexismo, la dominación, la opresión sexual y de género, así como una fuerte crítica al armamento y la religiosidad egocéntrica. Pensar con la concomitancia de la acción sin perder de vista lo común, buscando una aceptación crítica, fue una contribución significativa del budismo al pensamiento feminista negro de bell hooks, un proceso de autocuidado y cuidado urbano.

Palabras clave: Budismo; Educación; Feminismo negro; Activismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa pensar a relação da feminista negra norte-americana bell hooks com o zen budismo do monge vietnamita Thich Nhat Hanh e do tibetano Chögyam Trungpa. Faz-se um panorama da relação dela com o Protestantismo Batista, em especial, de Martin Luther King Júnior e com o cristianismo católico eclesial de base de Paulo Freire. A conversa com a complexidade de espiritualidades foi libertadora para a própria história de vida da ativista feminista negra bell hooks diante das realidades experimentadas por ela em diferentes contextos.

É possível mencionar que ela teve a experiência de cuidado consigo e com a cidade para a promoção de uma vida emancipadora no contato com as epistemologias das espiritualidades relatadas. Assim, conseguiu elaborar e ressignificar situações de violências familiares, na universidade, no campo da literatura como escritora e na sociedade racista norte-americana em que o supremacismo branco e patriarcal vicejavam no cotidiano de modo brutal e ultrajante ao extremo.

Logo, essas espiritualidades foram curativas de feridas variadas e promoveram saúde mental coletiva ao longo da vida dela. Esses encontros trouxeram potência inventiva para bell hooks, na medida em que produziram acolhimento, reflexões, concentração no que vale à pena, afirmação de si como mulher negra e a fez acreditar na existência como abertura de uma ontologia histórica de si mesma, ou seja, como cuidado de si e da cidade.

Trata-se de ensaio baseado na perspectiva histórico-cultural do feminismo negro contracolonial e do pragmatismo de bell hooks. Busca-se pensar na proposta de justiça social, feminista e de um ativismo político do budismo em uma espiritualidade engajada que se ancora na transformação social.

Porém, o foco central é a relação dela com o trabalho de Thich Nhat Hanh e de Chögyam Trungpa. A combinação social, política e de prática cultural do budismo com os exercícios de meditação criou um ambiente propício para a experiência da ética do cuidado comunitário na vida dela. Desse modo, ela vivenciou a dimensão da justiça social contracolonial sem perder as possibilidades libertárias das espiritualidades.

MARCOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS ANALÍTICOS: ARTESANIAS E INSURGÊNCIAS NOS USOS DA HISTÓRIA CULTURAL

Bell hooks descobriu e se permitiu viver espiritualidades diversas sem adesão dogmatista e sem religiosidade que a aprisionasse. Ela pode realizar uma crítica social e cultural em um processo de se pensar e escolher o que a potencializava. Dessa forma, percebeu que não precisava aderir a uma ideia de totalidade sem problematização.

Ainda foi além, ao pensar que há contextos com delimitação de tempo e espaço em cada experiência com os sagrados e suas complexas epistemologias que são o que chamo de pensamento da diferença com Deleuze, Guattari e Foucault. Neste ponto, vale destacar uma contribuição analítica que trazemos na bagagem de nossas formações, qual seja, a antropologia histórica da terceira geração da “Escola dos Annales”, denominada Nova História ou História Cultural.

Trata-se de um marco conceitual importante neste texto para demarcar que as memórias têm lugares móveis e dinâmicos, não ficando coladas em preceitos fixos (Certeau, 2011). Há um campo de trocas simbólicas e um agenciamento coletivo do desejo nas relações entre sistemas interpretativos, o que permite deslocamentos e processos pelos quais fazemos mediações e reinventamos as gramáticas (Deleuze, Guattari, 1995). As semióticas podem ser trabalhadas por meio de uma experiência do devir criança junto com o devir mulher e o devir minoritário.

Devir é tornar-se sem se colar, é fazer efetuar o desejo como potência do diferir. O devir é sempre minoritário, não na quantidade e sim na qualidade das forças que agencia como potência de fazer passar afecções de aberturas dos mundos e de si ao novo, ao campo das possibilidades existenciais. Para devir, se faz intercâmbios, coexistências, traçamos zonas de vizinhanças entre signos e mundos enredados por Clio, Kairós e Aion com os modos de existir na mundanidade repleta de multiplicidade e hecceidades:

Ora, Devir-mulher não é imitar essa entidade (mulher molar), nem mesmo transformar-se nela. Não se trata de negligenciar, no entanto, a importância da imitação ou de momentos de imitação, em alguns homossexuais masculinos e menos ainda a prodigiosa tentativa de transformação real em alguns travestis. Queremos apenas dizer que esses aspectos inseparáveis – do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma micro feminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular. Não queremos dizer que tal criação seja o tal apanágio do homem, mas, ao contrário, que a mulher como entidade molar tem que devir-mulher, para que a mulher como entidade molar tem que devir-mulher, para que homem também devesse mulher ou possa devir. (Deleuze, Guattari, 2012, p.71).

Devir mulher não é apenas para gênero biológico, pois todas as pessoas podem encontrar nessa experiência um plano de composição do desejo que traz aprendizagens significativas e até mesmo desaprendizagens, afinal, a gente pode brincar com os signos, como nos ensinou Deleuze (2022) em “Proust e os signos”.

O signo mundano surge como substituto de uma ação ou de um pensamento, ocupando-lhes o lugar. Trata-se, portanto, de um signo que não remete a nenhuma outra coisa, significação transcendente ou conteúdo ideal, mas que usurpou o suposto valor de seu sentido. (Deleuze, 2022, p. 13).

Logo, demos denominar de usos da história esse ato de criar e transformar pelo sabor das memórias com as quais brincamos por meio de diversas experiências (FARGE, 2011). Assim, saímos de uma perspectiva restrita de pensar as memórias como aculturação e unidade totalizadora.

A justiça social buscada no encontro de bell hooks com as espiritualidades, sobretudo, as budistas são expressão de signos e forjam semióticas do desejo por meio de agenciamentos coletivos. São experiências situadas no aqui e no agora, enquanto história do presente ancorada em um *ethos* de existência sem moralismos de julgamentos dos modos de ser.

Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. Ritual e oração, junto com as questões de nirvana e salvação, estão diretamente ligados à fé religiosa, mas essas qualidades interiores não precisam estar. Não existe, portanto, nenhuma razão pela qual um indivíduo não possa desenvolvê-las, até mesmo em alto grau, sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico. É por isso que às vezes digo que talvez se possa dispensar a religião. O que não se pode dispensar são as qualidades espirituais básicas (Hooks, 2021b, p. 267).

O feminismo e os escritos da autora foram nutrientes que alimentaram a experiência dela para a criação de modos específicos de luta contra a opressão de gênero, de classe e étnico-racial. A relação em que estabelecida com as epistemes espirituais foi um encontro potente para a criação de um trabalho pujante e impressionante na força de questionamento produzido por ela.

Observar preceitos de cuidado coletivo e de uma vida baseada em um autoconhecimento não poderia ser centramento no eu fechado e nem vazio de propósito político. Era fundamental pensar por transformação com propósito

de reposicionamento do desejo na vida de bell hooks. Assim, ela percebeu que a dinâmica subjetiva poderia caminhar junto com a coragem da verdade sem perder o esperar do amor e da paz.

Desse modo, o exercício de uma tecnologia de si como o budismo pode ser libertário se vir junto com a justiça social para a constituir em uma educação como ensino de comunidade, nas palavras de Paulo Freire, educação popular. Portanto, essa tecnologia de si ganha materialidade quando não cai em sectarismos e identitarismos de colagens.

Pensar a comunidade e educar para transgredir é o resultado da relação de bell hooks tanto com Paulo Freire quanto com o budismo vietnamita e tibetano. Por exemplo, para propor uma educação emancipadora por meio da relação com a partilha dos encontros de experiências, em devir, ou seja, no tornar-se sem modelos prévios.

Sim, todos os devires são moleculares; o animal, a flor ou a pedra que devimos são coletividades moleculares, hecceidades, e não formas, objetos ou sujeitos molares que conhecemos fora de nós, e que reconhecemos à força de experiência, de ciência ou de hábito. Ora, se isso é verdade, é preciso dizê-lo das coisas humanas também: há um devir-mulher, um devir-criança, que não se parecem com a mulher ou com a criança, como entidades molares bem distintas (ainda: que a mulher ou a criança possam ter posições privilegiadas possíveis, mas somente possíveis, em função de tais devires). O que chamamos de entidade molar aqui, por exemplo, é a mulher enquanto tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e de funções, e marcada como sujeito. Ora, devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 71).

Logo, devir com bell hooks no budismo era uma atitude de acolhimento de si e empatia com os seus limites e os das outras pessoas. Ela se permitiu viver essas experiências sem perder a criticidade e a atenção plena em uma postura ativista de intensa ação política na educação libertária. Nesse aspecto, trazemos Deleuze (2016) quando afirma que o reposicionamento do desejo é uma prática conectiva da vida afirmativa pela coexistência de mundos em redes de ressonâncias recíprocas do agenciamento de signos e de uma variação das semióticas no diferir.

A atenção plena permitiu uma posição de habitar o presente e trazer o foco para um aterrar sem se fixar ao chão, em um movimento de promover saúde e se posicionar na sociedade por meio de afirmações dos direitos e do cuidado de si relacionado com o da pólis. Assim, acreditou no possível de um modo de vida que é uma arte educativa da ação junto com o pensamento sem separar fazer de pensar. Esse é um ponto central da relação de bell hooks com a Teologia da Libertação de Paulo Freire, pois, para ele, pensar vem junto ação, em um pragmatismo como operador filosófico, cultural e social.

BELL HOOKS E O ATIVISMO FEMINISTA NEGRO ENGAJADO POR UMA EPISTEMOLOGIA ESPIRITUALIZADA

O preconceito religioso impediu que bell hooks declarasse suas relações com as epistemes Budistas do Pacifismo Vietnamita, Protestantes Batistas e do Cristianismo Católico de Base. Essas alianças foram vigor para bell hooks durante anos de tal modo em que ela escreveu e pensou um movimento de esperar como criação de um modo de existência pautado na promoção da saúde como ética, estética e política. Deste modo, a inter-religiosidade permitiu o exercício de um *ethos* diferenciado na vida de bell hooks e marcou sua trajetória em todo o legado ofertado à sociedade.

Neste legado que nos foi oferecido, encontra-se a amorosidade e a pragmática da experiência articuladora da ação com o pensamento crítico. Houve uma composição potente e estética de sua trajetória espiritual como indicativo de formulação das pistas para o cuidado de si e da cidade.

bell hooks realizou um trabalho como expressão existencial e criatividade na escrita para as lutas em que se engajava. A relação de proximidade com a Teologia da Libertação, mediada pela inspiração de Paulo Freire permitiu à bell hooks repensar a sua vida e seu trabalho como educadora, escritora, ativista feminista e sua atuação universitária.

Na pós-graduação, constatei o que me entediava na sala de aula. O sistema de educação bancária (baseado no pressuposto de que a memorização de informações e sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura) não me interessava. (Hooks, 2019a, p. 14).

A autora menciona que Paulo Freire lhe deu a possibilidade de fazer a libertação em si. Logo, com esse exercício de um pensamento emancipatório, conviveu com a espiritualidade budista concomitantemente com os princípios de amor para emancipação do cristianismo da libertação.

Essa convivência deu um lastro expressivo e uma margem ampla para que hooks pudesse pensar de forma transgressiva de tal modo que passou a enfrentar os medos e pressões de uma sociedade sexista e racista. Fundamentalmente, ela ganhou forças para resistir à opressão e dominação existente na pós-graduação nas universidades norte-americanas.

O público pouco conhece e divulga essa ligação e sua repercussão no trabalho da importante feminista negra. A expressão religiosa não era uma doutrina nem um dogmatismo nesse caso, mas uma contribuição na efetuação em um plano de composição que permitia à bell hooks realizar um percurso singular na experimentação existencial.

A importância do amor como resistência ao ódio no supremacismo branco, na violência contra a mulher e na opressão do imperialismo de vários países foi uma importante herança do pacifismo de Thich Nhat Hanh, de Martin Luther King Jr., de Chögyam Trungpa e de Paulo Freire para bell hooks e, por sua vez, para suas leitoras e seus leitores.

As diásporas, exílios, lutas contra o racismo e migrações forçadas foram cruciais na relação entre bell hooks, Martin Luther King Jr., Paulo Freire, Thich Nhat Hanh e Chögyam Trungpa em uma perspectiva de resistência à violência. Situações aviltantes vividas por eles puderam trazer a ela uma perspectiva de apostar no renascer e na abertura da morte. Afinal, o que morre também tem a face da abertura. Há uma dupla face existencial em que nunca apenas se morre, pois, algo nasce, em seguida.

[...]somos assimilados, mesmo que lentamente, à hegemonia dominante, ao convencional. Tem sido extremamente difícil caminhar para além dessa versão rasa, vazia do que podemos fazer - meros imitadores de nossos opressores -, em direção a uma visão libertadora que transforme as nossas consciências nosso próprio ser (Hooks, 2019a, p. 74).

A experiência budista trouxe uma potência de reflexão e de criar acolhimento para bell hooks em momentos de crises acadêmicas, de perseguições vividas nas vaidades universitárias e nas disputas sexistas, racistas, imperialistas que a massacravam. A história das mulheres negras e escritoras feministas traz as marcas de memórias das dores, especialmente, em um país marcado pelo privilégio da branquitude e o patriarcado como modo de vida como os Estados Unidos. Frente ao ódio, ela resolveu ficar com o amor, seguindo os ensinamentos de Martin Luther King Jr.

“Eu estudo ensinamentos espirituais como um guia para reflexão e ação” (hooks, 2021a, p. 119). Esse aspecto da pragmática explicita uma politização do amor feita por bell hooks (2021). Para tanto, materializou a amorosidade enquanto libertação da educação, ao acreditar que se tratava de uma potência da transformação enquanto uma experiência de viver na tentativa de articular o amor como força propulsora de mudança e cuidado.

A espiritualidade tinha um lugar de reflexão e cuidado empático que permitia refletir e transformar a educação para que ela se tornasse uma prática transgressiva. Os exercícios espirituais eram maneiras de situar a atenção plena em foco no presente para habitar como quem deseja aterrar no aqui e agora sem perder o passado e a dimensão do futuro.

Não demorei muito para me livrar do cristianismo rigoroso da minha criação, que exigia que eu encontrasse uma igreja de base e frequentasse regularmente os cultos e encontros de oração semanais. Em vez disso, mergulhei na poesia do misticismo islâmico, estudando o sufismo, e depois seguindo os poetas da geração beat no budismo. Durante meus anos de graduação em Stanford, tive meu primeiro contato com a ‘meditação transcendental’ (Hooks, 2021b, p. 264).

bell hooks (2021) estava vinculada a um budismo engajado como ativismo político de um percurso político que tinha dimensões espirituais. Ela aprendeu com a sua ligação com as reflexões espirituais do monge vietnamita Thich Nhat Hanh, nos anos 60 do século XX a apostar no amor e na paz, pois na guerra sempre há perdedores. O zen budismo deste monge pacifista incomodou o Vietnã durante a guerra dos Estados Unidos contra este país. Por isso, Thich Nhat Hanh foi obrigado a migrar de forma forçada para se proteger frente à perseguição sofrida.

Depois da primeira viagem aos Estados Unidos, o educador passou a receber convites frequentes de diversas universidades americanas para encontros e palestras. De forma mais concreta, chegou uma carta de Harvard com proposta de contrato de dois anos, a partir de 1969 [...]. Paulo e Elza decidiram negociar (Haddad, 2019, p. 98).

A presença de Paulo Freire nos Estados Unidos também aconteceu por meio da migração forçada, durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. E, foi assim que bell hooks conheceu Thich Nhat Hanh e Paulo Freire. A educação libertária em bell hooks teve forte inspiração no trabalho deles e era inspirada pela presença cotidiana deles na vida dela.

Especificamente, a amizade com Freire e a leitura meticulosa dos livros publicados pelo educador brasileiro durante o exílio deram à hooks um encantamento do que poderíamos chamar da magia da vida pela amorosidade. Paulo Freire viajou muitas vezes aos Estados Unidos. Hooks ficou encantada com a proposta de uma pedagogia da emancipação em Paulo Freire e buscou na obra dele um marco de sua trajetória como feminista negra a partir da forte atuação da Teologia da Libertação em Freire.

THICH NHAT HANH E O ZEN BUDISMO COMO ARTE DE EXISTÊNCIA ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA

O ativista que era pastor batista dos Estados Unidos Martin Luther King Jr. acolheu Thich Nhat Hanh para que ele fosse recebido como refugiado após sofrer perseguição religiosa e política no Vietnã. Ele precisava de ajuda e pedia socorro para receber auxílio, sendo acolhido pela mediação de Martin Luther King Jr. Tanto um como o outro pertenciam a uma instituição que era a Irmandade de Reconciliação, uma entidade internacional de defesa dos direitos humanos.

Lutar contra a violência e o preconceito era uma ação comum aos dois e ambos tinham nesta instituição a qual pertenciam um abrigo para resistência frente à discriminação e à violência. A política da inimizade deveria ser enfrentada por esta organização internacional, segundo relata Hanh (2016).

Thich Nhat Hanh logo cedo fez seus votos budistas, foi ordenado aos 16 anos e se dedicou a meditar e a ensinar os saberes zen budistas como norteador da vida sábia e marcada pelo amor. Foi exilado na França e passou a difundir os ensinamentos de Buda para pessoas de muitos países, principalmente, em uma entidade chamada Plum Village.

Foi perseguido desde cedo quando estava denunciando que havia uma separação política nos monastérios do Vietnã que impedia os monges de pensar os preconceitos, a violência e as discriminações como parte de um processo devocional. Ele não dissociava política de ética existencial para situar uma vida compassiva enquanto meditação (Loy, 2003).

Este ponto de transformar devocionais e ritos tanto em epistemologias quanto em armas de resistência política assinala que os saberes das expressões religiosas são dispositivos de trocas simbólicas, conversas polifônicas, entrecruzamentos de enunciados e práticas de uma semiótica materialista. Logo, apontamos controvérsias, movimentos, multiplicidades de encontros e complexidades são expressões das agências que são produção coletiva dos modos de existência nos processos de enunciação (Deleuze, Guattari, 1995).

As epistemologias zen das expressões religiosas citadas neste artigo estão em diálogo e conversas polissêmicas com o feminismo negro de bell hooks. Assim, ela não é uma tradutora estritamente e/ou apenas uma receptora de saberes transmitidos.

bell hooks age na história cultural e na sua vida. Portanto, trata-se de uma ativista pragmatista que age e pensar. O zen budismo deu a ela a força atenta de uma concentração encarnada e marcada pelo desejo como ética, estética e política. Desse modo, temos na produção escrita de hooks a própria expressão materializada da atenção plena (*mindfulness*) enquanto potência existencial de se tornar e existir como quem se faz simultaneamente ao transformar a história (Certeau, 2011; Farge, 2011).

Assim, ao falarmos dos usos do zen budismo, das produções das comunidades eclesiais de base por meio da Teologia da Libertação e dos aspectos protestantes progressistas e libertários de Martin Luther king Júnior por bell hooks, temos a possibilidade de analisar como os usos da história nos ajudam a pensar que não há apenas recepção e transmissão dos legados e da cultura.

Quando abordamos esse debate, observamos que o ecofeminismo ganhou materialidade no feminismo negro de bell hooks e fez ir além os saberes produzidos por Thich Nhat Hanh e Chögyam Trungpa (Gross, 1992).

Nessa linha de frente de trazer para a discussão do feminismo negro foi uma ousadia de bell hooks e suas fontes a inspiraram para além do aprendizado epistemológico. O ativismo zen budista como posição política, sobretudo, de uma espiritualidade ecofeminista se tornou um movimento profícuo para o combate à violência concomitante com a autocura na saúde coletiva.

A proposição da meditação na atenção plena como modo de vida foi a insígnia de uma coragem da verdade como ética da existência por meio dos exercícios espirituais. Ele desafiava a vida reativa e propunha uma presença ativa de afirmação do cuidado de si e da cidade. Seu zen budismo era marcado pela relação entre ativismo político e meditação, entre budismo como uma atitude crítica diante do presente.

Hanh (2016) se posicionou pela libertação de refugiados(as) vietnamitas que estava pedindo acolhimento à Singapura, em 1976. Ele solicitou veementemente que autoridades recebessem estes refugiados que estavam buscando acolhimento e precisavam de ajuda humanitária internacional. Nesse momento, Thich Nhat Hanh passou a defender a realização de uma meditação que denominou de atenção plena como prática de cuidado de si e dos(as) outros(as) (Loy, 2003).

A atenção plena era um exercício de concentração e de cuidado com o presente por meio de um movimento subjetivo de conexão com a dinâmica existencial situada no mundo e com a experiência intersubjetiva. O trabalho de bell hooks teve forte presença dos ensinamentos zen budistas de Thich Nhat Hanh, sobretudo, os que eram ligados à análise étnico-racial na educação como prática libertação e de transgressão.

Procurava trabalhar um cuidado de ensino comunitário como presença da atenção plena pautada na iluminação zen budista enquanto tática de ação com amor. Propunha um retorno ao princípio da comunidade como oportunidade de realizar um ativismo crítico com amor e ação efetiva em uma pragmática de transformação política na integralidade do cuidado (Simmer-Brown, 2001).

A cura é uma prática de si também e demanda a saída da colonialidade da opressão de gênero e étnico-racial como modo de existência. A política da luta contra as dominações culturais, sociais, subjetivas e econômicas era um objetivo permanente de bell hooks em comum com Thich Nhat Hanh. Neste sentido, Simmer-Brown (2001) declarou que o budismo permitia articular a luta política contra opressões e avança em alguns aspectos, ao trazer o feminismo para a resistência budista contra o machismo na guerra também.

No livro “Ensinando Comunidade”, hooks (2021b) buscou trazer a referência de Paulo Freire e sua obra baseada no amor e no esperar comunitário como presença espiritual dirigida a uma ação política ativista de atenção plena. Em seguida, no livro “Ensinando a Transgredir”, hooks (2017) assinala que é fundamental articular o zen budismo ao cuidado holístico como expressão de uma abordagem atenta de resistência e experiência crítica.

A perspectiva de uma educação ativa de estudantes foi um legado de Hanh para bell hooks de tal modo que ela pode pensar a arte de viver sem prisões e utilitarismos. A vertente holística de Hanh trouxe um modo de trabalhar a educação com transgressão sem perder o esperar e sem abandonar a luta política como escritora para hooks.

Era importante pensar o vínculo entre estudantes e docentes como uma relação de cuidado mútuo que demandava atenção plena e amorosidade. Tratava-se de uma arte de viver como saber acolher empaticamente a crítica política como uma atitude educativa transgressora que pudesse deslocar os efeitos da discriminação, da violência e do preconceito para realizar um processo de ensino-aprendizagem crítico.

Se tratava de uma proposta de resistência pela aprendizagem significativa, marcada pela vertente holística e integral. Essa postura implicava em uma reflexão importante para quebrar hierarquias tão fortes no ambiente acadêmico e trazer para hooks uma potência de suavidade sem perder a força da coragem para lutar.

[...] Um dos muitos usos da teoria no ambiente acadêmico é a produção de uma hierarquia de classes intelectuais onde as únicas obras consideradas realmente teorias são as altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler e com referências obscuras” (hooks, 2017, 89)

bell hooks buscou durante os anos 1980 e 1990 pensar o budismo socialmente engajado como estratégia de atenção plena na meditação e no ativismo contra o racismo e o sexismo. Ela aprendeu com a luta de Hanh contra os conflitos armados, sobretudo, na guerra entre EUA e Vietnã.

David Loy (2003), no livro “The great awakening: A Buddhist Social Theory”, assinalou que o budismo engajado estava presente na obra de Thich Nhat Hanh em vários aspectos. Neste livro, há uma análise pormenorizada da proposta ativista libertária do monge vietnamita e de como ele articulava a busca pela transformação social com a cultura da paz e a defesa de direitos humanos como premissa básica da educação e da espiritualidade emancipadora.

Hanh lutou pelos direitos civis nos Estados Unidos e pela reconstrução de aldeias e comunidades vietnamitas, após a Guerra do Vietnã. Na sua luta pela paz, justiça social e direitos também passou a se expressar pela poesia, escritor, tradutor, professor, artista, ativista, monge e chegou a ser indicado por Martin Luther King Jr. para receber o Prêmio Nobel da Paz, em 1967. Ele era um intelectual e falava sete idiomas, faleceu em 2022, aos 95 anos.

A ação coletiva da memória política demandava um processo educativo de atenção plena como produção de si e cuidado comunitário amoroso. O amor e o pacifismo eram preocupações que poderiam acrescentar à educação uma dimensão holística relevante para a resistência à política armamentista, à violência contra a mulher, à brutalidade do racismo e de enfrentamento ao imperialismo com a sua relação entre capitalismo, supremacismo branco e sexismo patriarcal.

Lutar contra guerras e inimizades era um exercício fundamental no ensino da comunidade e do amor para efetuar a justiça social. O zen budismo poderia contribuir efetivamente com suas falas ao ensino de uma vida como arte de existência ética e criativa na política do cuidado comunitário se, segundo Gross (1992) trouxer junto as lutas ecofeministas para o seu campo experiencial cotidiano. A espiritualidade ecofeminista permitiu o aumento da força de corpos-territórios alcançarem suas relações inventivas, éticas e políticas com a terra e o aterrar a vida em conexão.

BELL HOOKS E CHÖGYAM TRUNGPA

A saúde coletiva dependeria do ensino comunitário e do amor como um ato de esperar libertário. A educação transgressiva precisava ter a justiça social como prática de si aprendida em um potencial ato de cuidado amoroso que acolhe e compreende empaticamente as pessoas e se posiciona incondicionalmente na defesa da amorosidade atenta e plena de cuidado mútuo. Se transformar como experiência profunda que permite também se pensar agindo é uma arte da existência.

Para reagir a tensão, ao tédio e a apatia ... que tomavam conta das aulas, eu imaginava modos pelos quais o ensino e a experiência de aprendizado poderiam ser diferentes. Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor, um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador. (Hooks, 2019a, p. 15).

Outro importante pensador para bell hooks (2021b), foi Chögyam Trungpa que era um mestre tibetano budista. Ele é citado no livro “Ensinando Comunidade”. Este mestre mudou-se para os Estados Unidos, nos anos setenta, e faleceu em solo norte-americano, em 1987.

Ele também teve impacto na vida e obra da autora feminista negra, sobretudo, por meio de proposta de liberação sexual e por não restringir a relação sexual ao casal heterossexual. A crítica à culpa e o incentivo à circulação da energia orgástica se tornou uma ética sexual no budismo tibetano de Chögyam Trungpa que atraía a vertente emancipatória de bell hooks na libertação das mulheres tanto vida sexual quanto na luta antirracista e antisexistista.

A obra de Chögyam Trungpa teve ouvintes e discípulos nos EUA, sendo significativa na trajetória de bell hooks. Era conhecido por trabalhar com uma epistemologia considerada minoritária, a qual trazia uma prática educativa pacifista com crítica política e liberação sexual conjuntamente. Ele tinha uma visão descentrada da educação que permitia a problematização do eu junto com a crítica à soberania da razão cartesiana presente na ciência e na prática pedagógica tecnicista.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e luta lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta (Hooks, 2019, p. 38-39).

Ele criticava a alienação e a dominação que vigoravam na educação sem ética e sem crítica. Trazia ensinamentos cruciais para transformar o mundo em uma perspectiva de enfrentamento à ilusão do controle da vida pela técnica e pela ciência sem crítica política. Portanto, foi importante também para Foucault, em “História da Sexualidade II: o uso dos prazeres” (2021a) e em História da Sexualidade III: o cuidado de si (2021b).

Foucault viajou muitas vezes aos Estados Unidos e ao Japão e se conectou também com o budismo e vários exercícios espirituais, o que o fez estudar a antiguidade greco-romana para analisar a produção da subjetividade enquanto ascese erótica articulada com a economia das relações e a dietética nas regras éticas de uma estilística da existência. O cuidado de si e da cidade junto com os usos dos prazeres foi um aprendizado de Foucault com o cristianismo da Antiguidade e com o zen budismo ao longo do século XX.

O ponto que gostaríamos de trazer especialmente é a promoção do cuidado consigo e com a cidade enquanto abertura de si ao autoconhecimento relacionado à crítica política, ou seja, o autoconhecimento na meditação e com uma diversidade de exercícios espirituais precisa estar ligada com o cuidado da cidade simultaneamente. Logo, esse movimento também é feito pelo pragmatismo de hooks quando ela destacava o ensino da comunidade associado à educação transgressora junto com a própria cura.

A demanda da comunidade como comum do cuidado mútuo em uma ação de amor sem idealização e com atenção plena voltada ao desenvolvimento de uma crítica como atitude de pensar o presente. Doar-se e abrir-se era uma prática educativa relacional de atenção plena na construção da comunidade era uma pragmática educativa em que a afirmação da vida se dava pela ação política de um engajamento cotidiano. Não havia não renúncia a um processo de autoconhecimento e sim uma proposta de relação deste com o cuidado da cidade presente na construção da atitude crítica de um eu alienado e individualista a partir da relação de hooks com o budismo tibetano de Chögyam Trungpa (Gross, 1992).

Sair da dominação de si pelo eu e pela alienação subjetiva era uma proposta educativa do budismo tibetano de Chögyam Trungpa (2014). A educação não deveria fortalecer o ego e o individualismo massificado dominador e opressor de grupos e comunidades. Não se deveria praticar a espiritualidade para defender o eu e reforçar modos de vida egocêntricos.

Transmutar não é uma questão de rejeitar as qualidades básicas das emoções. É mais como a prática alquímica de transformação do chumbo em ouro; não se rejeitam as qualidades básicas do material; modifica-se, porém, alguma coisa do seu aspecto e substância (Trungpa, 1995, p. 80).

Ele era mais aberto e progressista na sexualidade e no prazer. Trazia magia e mistério como despertamento espiritual e cuidado iluminado pela aceitação de si. O modo de vida hippie e a relação com a liberação sexual, a busca da paz e do amor no final dos anos sessenta, no século XX nos Estados Unidos teve uma presença do budismo tibetano como educação libertária. Para bell hooks (2017), Chögyam Trungpa a inspirava a ser transgressiva e progressista, a romper com hierarquias e submissões sexistas e racistas.

O trabalho com as luzes de cores diferentes, a repetição dos mantras e os seus sons trazem a circulação de energia nos chakras. O trabalho com as mandalas e a respiração juntamente com as massagens e os usos de óleos específicos traziam dimensões experienciais com variações de intensidades que chamavam a atenção de hooks (2017) no processo de autocura e de cuidado com a comunidade porque muitas práticas eram grupais e coletivas, além de trazerem saberes compartilhados de gerações e experiências de partilha dos modos de vida na maneira de vivenciar e criar uma ética do amor e da paz sem perder a crítica política e social.

O corpo não é rejeitado nem minimizado para o budismo tibetano e, no caso de Chögyam Trungpa (2014; 2015) havia uma perspectiva de prestar atenção em todo o corpo na vibração com outros corpos, nos ritmos, nos sons, nos toques e nas maneiras de pensar a relação do corpo com a liberação sexual e de várias amarras racistas e opressoras.

A busca de um olhar que evitasse o dogmatismo e fizesse a crítica ao modo de ser que estivesse centrado exclusivamente no ego sem pensar as ilusões e idealizações morais foi um ensinamento que Chögyam Trungpa deixou como inspiração para hooks. A orientação de exercícios de respiração, de práticas corporais, de atenção focada e flutuante, de reflexão guiada e de um acolhimento com compaixão trouxeram importantes contribuições para o trabalho da educação em bell hooks (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O budismo possibilitou à bell hooks a ruptura com princípios individualistas e desencantados. Ela pode criticar os moralismos e os processos de silenciamento que produziam opressão e dominação. A educação libertária demanda atenção plena e uma política de um ativismo que não renuncia a ética em um aqui e agora que é estar situado profundamente em conexão consigo e com o mundo sem se apegar ao material.

Assim, hooks aprendeu com Hahn a lidar com a raiva e a valorizar iluminação de si pela reflexão junto com ações concretas de mudança rumo a uma vida com atenção plena. Não se prender ao ódio e à guerra era uma perspectiva a ser vislumbrada no presente vivido pela atenção ao aqui e agora (Loy, 2003).

Ela se confessa ligada à espiritualidade que permite produzir crítica social ao sexismo e ao racismo, à lógica beligerante e excludente. O budismo ajudou bell hooks (2021a) a pensar uma educação comunitária e marcada pela amorosidade que problematizava tabus culturais e alienações da subjetividade e nas relações sociais.

Para nos confrontarmos mutuamente de um lado e do outro das nossas diferenças, temos de mudar de ideia acerca de como aprendemos; em vez de ter medo do conflito, temos de encontrar meios de usá-lo como catalizador para uma nova maneira de pensar, para o crescimento. (Hooks, 2013, p. 154).

Trazer o amor e o esperar como estratégia de cuidado de si e da cidade era uma possibilidade de criar outros modos de viver que se faziam pela descolonização em uma educação libertária.

Produzir um corpus de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo. Em todas as esferas da escrita literária e a bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouca ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero. Notavelmente, quando o movimento feminista expôs preconceitos na composição e currículos, muitos desses trabalhos esquecidos e ignorados foram redescobertos. A elaboração de programas de Estudos de Mulheres em faculdades e universidades proporcionou a legitimação institucional do foco acadêmico em trabalhos feitos por mulheres (Hooks, 2020, p. 42).

O budismo pode oferecer para a educação um campo ético sem ferir a laicidade desde que possibilite ser pensado como princípio de um exercício de modo de vida comunitário e marcado por um ativismo político de amorosidade e pacifismo com liberação sexual e interrogação do racismo, do sexismo e do imperialismo bélico-militar para bell hooks.

A busca da sabedoria como presença enquanto experiência do presente é trabalhada em profundidade, sendo valorizada na educação libertária. Visava procurar impermanência e não se colar em dualidades e promover a saída da vida superficial bem como da alienação do individualismo e de uma vida baseada em princípios utilitários passam a ser um valor cultivado no budismo, segundo Byung-Chul Han (2020).

Assim, o budismo ofereceu para hooks um movimento de cuidado e amparo sem a prender em uma religião e possibilitou que ela pensasse o feminismo negro de forma libertária por uma educação transgressiva potente sem perder a pragmática aliada à ação reflexiva. Experimentar a presença da vida é uma potência de existir com crítica e suavidade simultaneamente sem se desencantar porque a magia do cuidado amoroso é um modo de resistir ao ódio e à violência por meio de uma educação que ensina um aprendizado significativo.

Assim, o budismo permitiu à hooks se desatrelar dos julgamentos e das distrações que a faziam sofrer e a colocavam em crises muito duras e dolorosas. O relaxamento junto com o ativismo poderia trazer possibilidades de existência transgressoras e libertárias juntamente com o pacifismo e a amorosidade da postura de luta juntamente com a construção da comunidade na ação política sem perder a ternura e sem cair no utilitarismo da educação no zen budismo vietnamita.

O exercício da concentração e a atitude de pensar e fazer com atenção em um processo meditativo que não nos tira do mundo e da politização é uma arte de viver extremamente relevante para criar pontes de estudo e transformação de si e dos outros com leveza e tensão ao mesmo tempo. O budismo tibetano foi além na profundidade e na postura de um desejo posicionado no prazer e no mistério que tirava bell hooks do desencantamento universitário para levá-la ao amor sem julgamentos morais.

Por exemplo, os exercícios tântricos permitiam a procura de prazer e de observar o corpo em relação com a possibilidade de toca e sentir cada ato na delicadeza e na intensidade. Os rituais de iluminação desse budismo trazem para a educação libertária o fôlego de ritualizar a sexualidade para se sair do fechamento em um eu. Permitiu, assim a saída potente das posturas julgadoras que nos tiram do presente e nos impedem de sentir a intensidade da vida no processo detalhado do existir o aqui e agora que nos faz habitar a atualidade em uma ontologia do presente como constituição de si conectada com o mundo que se faz conjuntamente.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. São Paulo: N-1, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs I. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: N-1, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs. – vol. 4. Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Suelly Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021a.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021b.

- HAN, Byung-Chul. *Filosofia do Zen-budismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* São Paulo, WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como negra, pensar como feminista*. Elefante, 2019a.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (4. ed.). Rosa dos Tempos, 2019b.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo, Editora Elefante, 2021a
- HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo, Editora Elefante, 2021b.
- HOOKS, bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. São Paulo, Editora Elefante, 2022a
- GROSS, Rita. *Buddhism After Patriarchy: A Feminist History, Analysis, and Reconstruction of Buddhism*. State University of New York Press, 1992.
- LOY, David. *The Great Awakening: A Buddhist Social Theory*. Boston/EUA: Simon and Schuster, 2003.
- SIMMER-BROWN, Judith. *Dakini's Warm Breath: The Feminine Principle in Tibetan Buddhism*. Boston: Shambhala Publications, 2001.
- TRUNGPA, Chögyam. *Trabalho, sexo, dinheiro. o sagrado na nossa vida diária e o caminho da atenção plena*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- TRUNGPA, Chögyam. *Louca Sabedoria*. Rio de Janeiro: Lúcida Letra, 2015.